

Criação de mídias sonoras como instrumento de acessibilidade a textos literários

Sílvia Maria Guerra Anastácio¹, Lucia Terezinha Zanato Tureck²

¹UFBA - Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Rua Barão de Jeremoabo, 147. Ondina.

CEP 40170-290 Salvador, BA

smganastacio10@gmail.com

²UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Programa de Educação Especial

Rua Universitária, 2069. Jardim Universitário.

Caixa Postal 711 - CEP 85819-110 Cascavel, PR

lutureck@hotmail.com

Resumo. *O presente trabalho aborda a passagem de texto literário em língua inglesa para o português e sua transposição para o suporte audiolivro, analisando a trajetória dos processos tradutórios. O texto é o conto de Hemingway, A clean, well-lighted place, 1926, gravado no audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e “branca”. A primeira é a gravação por atores da Escola de Teatro da UFBA e focaliza-se a roteirização do texto traduzido para ser gravado como uma mídia sonora. Já a segunda é versão no MecDaisy, usado por pessoas cegas para acesso a textos escritos. Busca-se compreender a linguagem verbal enquanto instrumento de mediação para pessoas com deficiência visual na apropriação da cultura. As leituras propostas são capazes de ampliar a fruição dos ouvintes e o processo de criação dessa mídia é uma construção complexa a ser analisada em que pessoas com problema de visão ocupam um lugar especial.*

1 Introdução

O presente trabalho articula tradução, estudo de mídias sonoras, de processos de criação e inclusão educacional. Essa confluência de saberes se coloca a serviço da passagem de um texto literário em língua inglesa para o português e sua transposição para o suporte audiolivro, analisando a trajetória dos processos tradutórios aí implicados.

Trata-se de um trabalho do grupo de pesquisa “Tradução, processo de criação e mídias sonoras” (PRO.SOM), composto por professores do Departamento de Línguas Germânicas do Instituto de Letras da UFBA. Este artigo propõe que a metodologia dos estudos do processo de criação e dos estudos descritivos da tradução pode vir a ganhar espaço e relevância quando acrescidos dos recursos da Leitura Dramática.

O texto fonte, objeto deste estudo, é o conto do escritor norte-americano Ernest Hemingway [4], *A clean, well-lighted place*, 1926, traduzido como “Um lugar limpo e bem iluminado”, o qual retrata o período do pós-guerra na Espanha, e entra para audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e leitura “branca”. A primeira modalidade é a gravação do texto literário por atores da Escola de Teatro da UFBA e, nessa etapa da tradução intersemiótica de uma mídia impressa para outra sonora, focaliza-se a importância da roteirização do texto traduzido no processo de criação de um audiolivro. Já a segunda modalidade de gravação utiliza o programa Mecdaisy, que oportuniza para pessoas com deficiência visual acesso ao texto escrito, no caso, o texto literário que este trabalho se propõe a analisar.

Como é dirigido também para pessoas com deficiência visual, faz-se necessário compreender que, para elas, em particular, o papel da linguagem verbal enquanto instrumento de mediação nos processos de apropriação do conhecimento é mais do que fundamental. Os estudos de Vigotski [6] explicitam que, através dela, as pessoas com deficiência visual passam a conhecer e compreender conceitos que serão importantes para o processo de aprendizagem e desenvolvimento, ao longo de sua existência. Como explica o autor a respeito dessa deficiência:

A cegueira é não apenas a falta da vista [...]; provoca uma reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade; [...] reanima novas forças [...] de uma forma criadora e orgânica. [...] é uma fonte de manifestação das capacidades, uma força (p. 74).

O que fica aqui implícito é que não ocorre simplesmente uma substituição dos sentidos, pois, “no caso da cegueira, não é o desenvolvimento do tato ou o refinamento da audição, senão a linguagem, o uso da experiência social, a relação com as pessoas que vêm {que} constitui a fonte da compensação. [...] A palavra vence a cegueira!” (p. 81 - 82). Pode-se, assim, reconhecer a contribuição possível dos audiolivros para essas pessoas, especialmente refletindo sobre o que diz Leontiev [5], segundo o qual, pela aquisição da linguagem, as pessoas com deficiência conseguem internalizar, refletir, abstrair e compreender as informações acerca do mundo que as rodeia; ou seja, apropriar-se da cultura e dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade.

Além disso, oportunizar para pessoas com deficiência visual experiências que lhes possibilitem desenvolver suas funções psicológicas superiores (atenção, percepção, memória, dentre outras) é fundamental para que elas consigam, especialmente durante seu processo de escolarização, apropriar-se dos conhecimentos que lhes são transmitidos; conseguem então apreender as informações necessárias ao próprio processo de aprendizagem.

2 O processo de tradução

Traduzir as obras literárias para uma mídia sonora é um trabalho que implica em escolhas. Estas incluem negociações, em vários níveis, entre o texto fonte e o alvo, bem como atualizações do contexto da obra para o seu pólo receptor e da linguagem escrita para uma midiática, em que os recursos sonoros passam a ocupar um papel fundamental. Nasce então um novo texto performático, de autoria coletiva, pois, tecido a várias mãos, prova ser o resultado de uma série de negociações que o dossiê genético será capaz de revelar.

Comentando sobre as artes performáticas e a performance, Carlson [3]:

As artes performáticas [...] requerem a presença física de seres humanos treinados ou especializados, cuja demonstração de certa habilidade seja a *performance*.

[...] Há dois conceitos diferentes de performance, um envolvendo a exibição de habilidades, e outro também abrangendo exibição, mas menos de habilidades do que de modelo de comportamento reconhecido e codificado culturalmente.

[...] A diferença entre fazer e performar [...] parece estar não na estrutura do teatro *versus* vida real, mas numa atitude - podemos fazer ações sem pensar, mas, quando pensamos sobre elas, isso introduz uma consciência que lhes dá a qualidade de performance (p.13-15).

Dessa (re) criação performática fazem parte não só os tradutores do texto dramático do inglês para o português, como também atores e professores da Escola de Teatro da UFBA, além de um especialista em roteiro. No caso da passagem do texto escrito para um audiolivro, a questão da autoria tem um relevo especial, considerando que o que se tem nessa nova tradução é uma autoria coletiva.

Importa, portanto, refletir sobre a tradução intersemiótica de uma obra impressa para uma mídia oral, considerando que o novo suporte demanda um texto com

características próprias, que facilite a comunicação com o público-alvo, mais especificamente, com o ouvinte de um audiolivro.

A função que o texto traduzido irá desempenhar na cultura alvo remete a reflexões sobre a *Skopostheorie* analisadas a seguir por Alves e Scheible [1]:

O trabalho de Reiß e Vermeer (1984) introduz na Área dos Estudos Tradutórios, ou da Ciência da Tradução como preferem os autores, a *Skopostheorie*, ou seja, uma Teoria de Objetivos, também conhecida como Teoria da Funcionalidade. Segundo Vermeer, o que importa é que a intenção de comunicar seja realizada no texto de chegada. [...] a tradução é uma oferta de informação dentro de uma cultura de chegada e de seu código linguístico a partir de uma oferta de informação originária de uma cultura de partida e de seu respectivo código linguístico (p. 174-175).

E levando em conta que a tradução de um texto editado em audiolivro não pode conter notas de rodapé ou glossários que, quando necessários, são bem vindos na publicação de um livro impresso, esse novo texto na língua de chegada busca primar por uma comunicação que facilite o ouvinte construir suas imagens mentais a partir de signos sonoros. Se por um lado, reconhece-se a necessidade de manter estrangeirismos no texto de chegada para que os traços da cultura de partida sejam respeitadas, por outro lado, entende-se que esses estrangeirismos ocorrem, por vezes, parafraseados, para facilitar a recepção do ouvinte do audiolivro.

Assim, refletir sobre o processo de tradução de textos do inglês para o português e identificar como ocorre a gravação desses textos para uma mídia sonora são etapas fundamentais para entender um trabalho construído no nível interlingual e intersemiótico, que tem como função dar acessibilidade. Que passos foram necessários para que esses dois processos, o de tradução e o de gravação acontecessem? Como analisá-los e que tipos de textos seriam escolhidos para fazer parte de um projeto como este?

Dossiês de criação das mídias sonoras incluem gravações em áudio, filmagens e notas de ensaios, entrevistas com atores e participantes da produção, músicos e roteirista, que serviram de base para estudar as traduções intersemióticas realizadas, gerando ricos processos de trânsito entre mídias. Foi intenção desta pesquisa recuperar o percurso de tais processos e, para tanto, fazer recortes para comentar alguns aspectos instigantes dos manuscritos analisados. Cada nova leitura de uma obra suplementa os textos anteriores, ressignificando-os e dando-lhes uma nova função no contexto para onde estarão inseridos. Isso porque cada lugar de fala reconfigura o texto, desconstruindo-o e abrindo-lhe novas perspectivas de interpretação.

2. 1 Processo de criação do conto de Hemingway: da tradução às mídias sonoras

A tradução interlingual do conto do escritor norte-americano Ernest Hemingway, *A clean, well-lighted place* (1926), traduzido como “Um Lugar Limpo e Bem Iluminado”, realizada em 2008, produziu um texto de seis páginas, em fonte *Times New Roman*, tamanho 12. Esse resultado tradutório utilizou operadores genéticos pelas pesquisadoras, além do uso de balões de revisão do Programa Word, resultando em quatro versões digitalizadas da referida tradução comentada. Esta foi realizada em um período de três meses, em maio de 2008 apenas pelos alunos; em junho pelos alunos e pela orientadora, momento em que é feita uma revisão em conjunto; finalmente, no mês de julho, ocorreram discussões com uma revisora, que é nativa de língua inglesa.

As versões do conto traduzido consistiram em manuscritos digitais, em arquivo para o programa *word*. O primeiro manuscrito digital foi utilizado para gravação no dia 19 de outubro de 2008, na Escola de Comunicação, com algumas intervenções tradutórias, que valeram uma rica discussão. Esta abordou questões culturais e políticas relacionadas ao período de pós-guerra na Europa, especialmente marcado pelo niilismo e pela falência de valores, uma característica marcante do texto de Hemingway. Além disso, questões sobre a teoria da recepção e as culturas da mídia nortearam este trabalho, considerando-se os sistemas culturais de ambos os pólos, o emissor e o receptor, por onde o texto fonte e a sua tradução têm transitado. Na primeira versão desse manuscrito digital sonoro as gravações foram feitas na Escola de Comunicação da UFBA, pela voz do aluno Camilo Domingues; no momento da edição, que ocorreu em seguida, decidiu-se usar a música de Debussy, “*Claire de lune*” como trilha introdutória do conto.

O primeiro teste de recepção do audiolivro produzido ocorreu com a participação de acadêmicos da disciplina Conto em Língua Inglesa, do Curso de Letras, da UFBA, em 22 de outubro do mesmo ano. As avaliações dos alunos apontaram alguns problemas, como: o narrador e os personagens do conto interpretados pelo mesmo ator, o que teria dificultado a compreensão da história; nos diálogos curtos, os ouvintes ficaram, por vezes, sem saber quem era o falante; o monólogo interior existente no texto é complexo; a contextualização ficou, aqui e ali, difícil de ser explicitada e, por fim, o deslocamento de um dos personagens de um bar a outro quase imperceptível.

Na continuidade das pesquisas, elaborou-se o segundo manuscrito digital, levando em conta os aspectos apresentados na avaliação realizada. A segunda versão digital sonora foi feita na voz de Luiza Prosérpio, ainda em 2008, no Estúdio de Luciano Bahia;

foi retirada a trilha de Debussy, substituída por acordes de piano. A visão do grupo de pesquisadores à época era de que a gravação não deveria ter quase efeitos sonoros, ser a mais seca possível para deixar espaço para a audiência, com a imaginação, ampliar o que ouvisse. Observou-se que a música de Debussy poderia gerar efeitos impressionistas e evocar imagens relacionadas àquela conhecida melodia; enquanto que os acordes de um piano teriam um efeito mais neutro sobre o receptor, que faria ativamente as suas próprias associações. Além da troca de música de Debussy por acordes de piano, houve o acréscimo de uma introdução que contextualizasse o conto; também o monólogo interior recebe um ritmo marcado, com efeito de ecos; ainda foi introduzido som de passos para evidenciar o deslocamento de um bar a outro.

É relevante mencionar um encontro coordenado por uma consultora da UNESCO em Salvador para assuntos de acessibilidade, que ocorreu na Biblioteca dos Barris, em 2009. O tema foi “Livro falado/leitura branca para pessoas com deficiência visual” e realizou-se um *workshop* com grupo de cegos, em que se percebeu que as suas preferências ficaram divididas entre livro falado e audiolivro comum, com efeitos sonoros e interpretação.

Com a implantação da política de inclusão educacional, o MEC desenvolveu o Programa Mecdaisy, ao qual o grupo de pesquisadores PRO.SOM da UFBA teve acesso. Ali foi ministrado um Curso de Metodologia de Geração de Livros Digitais Acessíveis no Padrão Daisy, em janeiro de 2011. O Padrão Daisy refere-se ao *Digital Accessible Information System*, utilizado para a produção e leitura de livros digitais; ele foi adaptado às especificidades brasileiras, recebendo esta denominação Mecdaisy. Trata-se de um recurso que está sendo implantado nas salas de recursos multifuncionais da rede de escolas públicas, onde ocorrem atendimentos educacionais especializados – AEE para alunos com deficiência visual. As características básicas dessa ferramenta são descritas no Portal do MEC [2]:

A tecnologia Mecdaisy permite que o usuário leia qualquer texto, a partir de narração em áudio ou adaptação em caracteres ampliados, além de oferecer opção de impressão em braille, tudo a um só tempo. Além disso, a tecnologia oferece recursos de navegabilidade muito simples. A partir de movimentos de teclas de atalhos ou do mouse, o leitor pode fazer anotações e marcações no texto, avançar e recuar na leitura etc. [...] descreve figuras, gráficos e qualquer imagem presente no documento [...] o conjunto de programas ainda vem acompanhado de uma metodologia de produção de livros em formato digital acessível. Assim, a tecnologia permite a leitura de qualquer texto disponível no computador e a produção de livro digital.

Em abril de 2011 ocorreu mais um processo de análise da recepção do audiolivro em questão com o objetivo de avaliar as alterações e aperfeiçoar a sua produção. O grupo participante foi composto por estudantes, bem como por profissionais jovens e adultos com deficiência visual, membros da Associação Cascavelense de Pessoas Cegas - ACADEVI - Cascavel, Paraná, os quais fazem uso do DOSVOX (voz sintética) para a leitura de textos. Eram cinco mulheres, de 22 a 43 anos, sendo duas cegas e três com visão reduzida, duas concluintes do ensino médio, uma acadêmica de Pedagogia e duas pedagogas, com pós-graduação em Educação Especial; os homens, em número de três, de 21 a 34 anos, sendo um cego e dois com visão reduzida, dois cursando ensino fundamental e um acadêmico de Pedagogia. Destaca-se que o grupo em questão tem experiência no uso do DOSVOX, ferramenta criada e desenvolvida no Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, em meados da década de 90, que possibilita às pessoas cegas a leitura de textos digitalizados e também a editoração de textos.

Sobre o acesso que essas pessoas costumam ter a textos literários, obteve-se a informação de que, em geral, lêem textos literários impressos em braille (cegos) ou ampliados graficamente; ouvem ainda os textos no computador com o uso do DOSVOX ou de audiolivros, sendo estes gravação de voz humana a partir de uma leitura 'branca'. No caso da leitura de textos ampliados graficamente por pessoas que possuem baixa visão, há a necessidade de se fazer um esforço visual, o que dificulta a percepção do conteúdo do texto. Dessa forma, os audiolivros favorecem o acesso aos livros; os audiolivros superam a leitura robótica, não apenas pela voz humana, mas pelo ritmo; com a pontuação, especialmente pelas pausas, a compreensão é facilitada.

A respeito da audição do audiolivro "Um lugar limpo e bem iluminado" de Ernest Hemingway, na leitura interpretada por Luisa Prosépio, as análises expuseram o seguinte: a voz humana dá ideia da personalidade dos personagens; o fundo musical e os ruídos favorecem a imaginação e a emoção, imprimindo vida ao texto; a entonação traz emoção, possibilita ativar a imaginação do ouvinte, que 'viaja' com as imagens; o audiolivro provoca uma situação envolvente e prazerosa; a leitura dramatizada tem pausas que ajudam a manter a atenção; ou houve quem dissesse que ela deixa o leitor mais relaxado, aberto para 'entrar' no texto, 'viver' a literatura; que esta modalidade favorece a compreensão do texto literário, pois, segundo os entrevistados, os científicos, com frequência, exigem intensa reflexão e retorno à leitura do texto analisado; houve quem dissesse que a leitura dramatizada é mais indicada para textos curtos. Quanto às vozes diferentes para narrador e personagens, que foram introduzidas na última versão digital sonora, os ouvintes destacaram que elas são capazes de ampliar as sensações do receptor, permitindo que se imprima personalidade a cada personagem. Foi perceptível,

pela postura corporal e pelas expressões faciais dos participantes, além da sua expressão verbal, o prazer estético que a fruição do audiolivro provocou.

Hoje, o grupo de pesquisadores do PRO.SOM tem buscado se aperfeiçoar na roteirização de textos para enriquecer as próximas gravações dos audiolivros com recursos sonoros. Sentiu-se a importância de aperfeiçoar a roteirização de textos a partir de um Curso de Roteiro ministrado ao grupo de pesquisadores em fevereiro de 2011, na UFBA.

Especificamente, a respeito ao conto “Um lugar limpo e bem iluminado“, os novos estudos de roteiro estão gerando um terceiro manuscrito digital, cujo início é exposto a seguir e que se encontra em estudos para posterior gravação:

UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO

- NARRADOR - NO CONTO/ UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO/ A NARRATIVA DE HEMINGWAY SE PASSA NA ESPANHA EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E NOVE/ PÓS-GUERRA MUNDIAL// A ESPANHA ESTAVA SOB A DITADURA DO GENERAL FRANCISCO FRANCO/
- [...]
- TEC – SOBE MÚSICA ACORDES DE PIANO//
- NARRADORA - UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO/ POR ERNEST HEMINGWAY// TRADUÇÃO DE SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO/ SANDRA CORREA/ ANDRÉA GOMES E REVISÃO DE SUZIE SANTOS// NARRAÇÃO LUISA PROSÉRPPIO// GRAVADO POR LUCIANO BAHIA// PRODUÇÃO DE GIDEON ROSA// SALVADOR//
- TEC – FIM DOS ACORDES DE PIANO//
- NARRADORA - JÁ ERA MUITO TARDE E TODOS JÁ TINHAM SAÍDO DO CAFÉ/ MENOS UM SENHOR DE IDADE/ SENTADO À SOMBRA DAS FOLHAS DE UMA ÁRVORE/
- TEC - SOM DE FOLHAS AO VENTO//

3 Considerações finais

Nesse contexto de mídias, com grande elenco de possibilidades, o audiolivro pode ser utilizado como um recurso de acessibilidade. A ideia é disponibilizar um “cardápio” de possibilidades para os ouvintes. Para aqueles que possuem necessidades especiais, essa disponibilização ocorre conforme a preferência do ouvinte, quer privilegie a modalidade interpretativa com o audiolivro, quer a “leitura branca“, que se concretiza na produção digital acessível do padrão Mecdaisy.

Foi possível observar, mais uma vez, que o processo de criação é um processo contínuo, marcado pelo inacabamento, pois ainda continuam sendo feitos ajustes ao texto de Hemingway analisado; quer quanto à modulação da voz, ou às pausas, ao tom vocal, até mesmo às escolhas tradutórias. O fato é que, ao se ouvir mais uma vez o texto, evidenciava-se, com frequência, a necessidade de serem feitas outras rasuras. De fato, trata-se de um processo marcado pela falibilidade, sendo da condição humana essa limitação de ser falível, essa tendência de estar se corrigindo, em busca de um signo que parece sempre requerer uma revisão.

Tem sido uma experiência rica trabalhar com esse projeto de pesquisa, o qual possibilita um amplo aprendizado a todos os envolvidos, incluindo alunos e professores, ao tempo em que são construídas pontes entre áreas que se completam como Letras e Comunicação. Enfim, é gratificante ver um trabalho de tradução sair do papel e passar para a voz, para outra mídia, tornando o texto literário acessível ao grande público e privilegiando questões sociais junto às pessoas com necessidades especiais, sobretudo visuais. Portanto, ao traduzir textos de língua inglesa para o português e contemplar campos do saber diversos, como tradução e estudo de mídias sonoras, tudo isso articulado pelos estudos do processo de criação, é possível propor uma abordagem interdisciplinar com vistas à acessibilidade.

Referências

- [1] ALVES, F., SCHEIBLE, I. H. J. Vermeer: a teoria da funcionalidade (Skopostheorie) e a supremacia da finalidade. In: VIEIRA, E. (org). **Teorizando e contextualizando a tradução**. Editora da UFMG, Belo Horizonte. Maio, 1996. p. 173-183.
- [2] BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Nova tecnologia torna livros acessíveis a alunos cegos**. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13782:nova-tecnologia-torna-livros-acessiveis-a-alunos-cegos&catid=205 . Julho, 2011, 11.
- [3] CARLSON, M. **Performance**: uma introdução crítica. Editora da UFMG, Belo Horizonte. Junho, 2009.
- [4] HEMINGWAY, E. A Clean, well-lighted place. In: **The Hemingway reader**. Scribner-s Sons, N. York. Abril, 1960. p. 417-422.
- [5] LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Centauro, São Paulo. Novembro, 1978.

II ENINED - Encontro Nacional de Informática e Educação ISSN:2175-5876

[6] VIGOTSKI, L. S. **Obras completas**. Tomo V. Editora Pueblo y Educación, Havana. Maio, 1997.